



FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS DE TEÓFILO OTONI
CURSO DE PSICOLOGIA

CLARICE LOPES DA SILVA
THAYNÁ ANDRADE DUARTE

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

TEÓFILO OTONI
2021

**CLARICE LOPES DA SILVA
THAYNÁ ANDRADE DUARTE**

**O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Paula Lins Khoury

**TEÓFILO OTONI
2021**

Clarice Lopes da Silva
Thayná Andrade Duarte

**O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo
Otoni, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Paula Lins Houry

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Avaliador 1

Prof. Avaliador 2

Prof. Avaliador 3

O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

THE ROLE OF THE SCHOOL PSYCHOLOGIST FACING LEARNING DISABILITIES

Clarice Lopes da Silva

Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia, da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni – MG, e-mail: claricelopes250@gmail.com

Thayná Andrade Duarte

Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia, da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni – MG, e-mail: tatazinha.andrade@live.com

Paula Lins Khoury

Psicóloga clínica, Pós-graduada Pós graduação Psicanálise e docência, Docente na Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni – MG, e-mail paulalinskhoury@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo trata as questões que envolvem as dificuldades escolares e a práxis do psicólogo com relação as mesmas, logo, tem como objetivo identificar os afazeres do psicólogo escolar junto as demandas de dificuldades de aprendizagem, levando em consideração as diferenças entre dificuldade e transtornos de aprendizagem, considerando também a relação professor/aluno e a sua importância no processo do aprender. Buscou-se na bibliografia existente sobre o tema o embasamento para desenvolvê-lo a partir dos objetivos que baseiam a confecção do artigo, como descrever os tipos de dificuldades de aprendizado, apontar a importância da relação afetiva professor/aluno e apresentar possíveis formas de intervenção na práxis do psicólogo escolar diante à dificuldade de aprendizagem. Para tal, realizou-se quanto aos métodos a pesquisa bibliográfica com ênfase em psicologia escolar envolvendo os temas acima descritos, tratando de um tema de suma relevância para a comunidade escolar, pais e alunos. A temática abordada é ampla e o propósito central deste artigo é buscar compreender o papel do psicólogo escolar diante dessa demanda crescente. Os psicólogos escolares são os agentes da transformação e, portanto, parte de seu trabalho é quebrar o rótulo de alunos problemáticos, descristianizar verdades rígidas e tomar medidas para prevenir dificuldades de aprendizagem por meio de uma práxis neutra, crítica e inclusiva.

Palavras-Chave: Psicologia Escolar. Dificuldades de Aprendizagem. Afetividade. Relação professor/Aluno.

Abstract

The present article deals with issues involving school difficulties and the psychologist's praxis in relation to them, therefore, aims to identify the school psychologist's tasks with the demands of learning disabilities, taking into account the differences between difficulty and learning disorders, also considering the teacher/student relationship and its importance in the learning process. It was searched the existing bibliography about the theme to develop it from the objectives that base the confection of the article, such as describing the types of learning disabilities, pointing the importance of the affective relationship teacher/student and present possible forms of intervention in the school psychologist praxis facing the learning disability. To this end, the methods used were bibliographic research with emphasis on school psychology involving the themes described above, dealing with a theme of great relevance to the school community, parents, and students. The theme is broad and the main purpose of this article is to try to understand the role of the school psychologist facing this growing demand. School psychologists are agents of transformation and, therefore, part of their job is to break the label of problematic students, de-Christianize rigid truths, and take measures to prevent learning difficulties through a neutral, critical, and inclusive praxis.

Translated with www.DeepL.com/Translator (free version)

Keywords: School Psychology. Learning Difficulties. Affection. Teacher/Student Relationship.

1. Introdução

A escola é o local onde a criança é preparada para a sociedade, tendo os primeiros contatos com a cultura e educação. Agregando valor e aprendizados que podem gerir todo o seu futuro uma vez que, a escola é formadora de opiniões e de cidadãos, sendo um espaço de extrema importância para a permanência da cultura de determinado local (SILVA e FERREIRA, 2014).

Vale levar em conta também o fato de que a criança é inserida em um meio no qual passa a ser protagonista de relacionamentos interpessoais com outras crianças da mesma faixa-etária, o que proporciona uma troca de valores muito rica no qual se pode constituir a empatia através do aprendizado de aceitar diferentes pontos-de-vista.

No entanto, nem sempre a aprendizagem ocorre de maneira fácil para todos os alunos, levando em conta que existe no processo vários fatores, tanto intrínsecos quanto

extrínsecos. Alguns alunos possuem mais facilidade para aprender do que outros, mas isso, no entanto, não significa que os que possuem dificuldades não sejam necessariamente inteligentes, uma vez que existem vários fatos que podem estar interligados como estímulos discriminantes no processo do não aprender e não somente o quociente de inteligência.

Segundo Almeida et al (2007), a dificuldade de aprendizagem tem sido tema de pesquisas em diversas perspectivas, por se tratar de um assunto multifatorial e complexo, envolvendo para além do aluno, a sociedade, a escola e a família, denotando, portanto, sua amplitude e contextos a serem explorados.

No que tange aos fatores psicológicos, o artigo norteou-se pela seguinte questão: qual o papel do psicólogo escolar frente às dificuldades de aprendizagem? Para responder, o cerne do trabalho é identificar os afazeres do psicólogo escolar junto as demandas de dificuldades de aprendizagem, levando em consideração as diferenças entre dificuldade e transtornos de aprendizagem, considerando também a relação professor/aluno e a sua importância no processo do aprender, tendo como principais objetivos do artigo descrever os tipos de dificuldades de aprendizado, apontar a importância da relação afetiva professor-aluno e apresentar possíveis formas de intervenção na prática do psicólogo escolar diante à dificuldade de aprendizagem.

O artigo se mostra relevante tanto para o profissional da psicologia que atua nas escolas ou atende crianças em idade escolar, quanto para os alunos com dificuldade de aprender, uma vez que, por um lado, esse profissional será ajudado a manter uma prática eficaz e por outro lado, ele adquirindo esse saber, irá atuar de maneira mais assertiva para com o aluno com dificuldade de aprendizagem, assim, ambos saem com as demandas atendidas e capazes de desempenhar melhor os seus papéis.

2. Metodologia

O trabalho foi fundamentado, quanto aos métodos, em uma pesquisa bibliográfica com caráter descritivo acerca da dificuldade de aprendizagem, levando em consideração a diferença e distanciamento das dificuldades de aprendizagem e dos transtornos de aprendizagem. Para tanto, foi utilizada uma revisão de literatura atualizada em periódicos atualizados, salvo os clássicos da literatura psicopedagógica (VYGOTSKI, 2012; ALMEIDA et al, 1995), com intervalos entre 10 a 20 anos, nas plataformas *Scielo* e *Pepsic* e a partir dos seguintes descritores: dificuldade de aprendizagem, transtornos de

aprendizagem e seus tipos, psicologia, psicologia escolar e da educação, dificuldade de aprendizagem, relação professor-aluno e a atuação do psicólogo escolar diante da dificuldade de aprendizagem.

3. Revisão de Literatura

3.1 Os tipos de dificuldades de aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem é um fenômeno amplamente observado nas escolas, podendo ser originado de transtornos, mentais ou não. Mas nota-se uma forte influência das emoções e afetividade neste contexto, principalmente em se tratando da relação professor-aluno.

Segundo Bezerra (2014), a dificuldade de aprendizagem é caracterizada por desregulação ou disfunção do processo de aprendizagem. O termo se centraliza em indivíduos que não correspondem a um desenvolvimento que se pode assumir ou esperar de seu potencial intelectual e em virtude dessa circunstância cognitiva particular, tendem a apresentar desempenho acadêmico abaixo do aguardado.

Ainda Bezerra (2014, pg. 31), diz que “as dificuldades de aprendizagem, como a própria educação, constituem uma área conceitual difícil de apreender, pois nelas influem de forma interativa uma multiplicidade de dimensões, que variam de acordo com as características próprias de cada criança”. Assim, é possível dizer que as causas da dificuldade de aprendizagem não estão ligadas apenas a fatores intrínsecos ao aluno, sendo algo muito mais amplo, englobando o meio e principalmente a relação familiar. Segundo Andrade e Lima *apud* Moonjen (2019, pg 71):

existem dois grupos de sujeitos que por diferentes razões apresentam baixo rendimento escolar. O primeiro diz respeito ao grupo de crianças que apresentam Transtornos de Aprendizagem decorrentes de fatores intrínsecos. O segundo grupo, é formado pelas crianças que apresentam baixo rendimento escolar em decorrência da interação dos fatores de ordem intrínsecas e extrínsecas. Sendo denominadas essas alterações apresentadas por esse último grupo, como Dificuldades de Aprendizagem. Essas limitações que impedem o sucesso escolar estariam interligadas ou teriam explicações na falta de interesse por parte do aluno; Perturbação emocional; Inadequação metodológica; ou mudança no padrão de exigência escolar.

Levando em consideração as causas externas da dificuldade de aprendizagem descritas por Bezerra (2014) e a complementação supracitada de Moonjen (2019), fica evidente que o aluno deve ser compreendido a partir de uma perspectiva biopsicossocial, para

além dos fatores intrínsecos e do corpo físico, pensado de forma holística em seu ambiente social e psicológico.

Nem sempre a dificuldade de aprendizagem será um transtorno, mas isso também não significa que não mereça atenção e cuidados e sim que deve haver uma maior cautela com a crescente psicopatologização de crianças em idade escolar, motivo pelo qual é de suma importância saber diferenciar os Transtornos Específicos da Aprendizagem (TEA), Deficiência Intelectual (DI) e Dificuldade de Aprendizagem (DA).

Segundo Andrade e Lima (2019), os transtornos específicos da aprendizagem são caracterizados por abrangerem determinadas áreas das habilidades escolares e provêm do neurodesenvolvimento, sendo de origem biológica, ou seja, não são resultados de fatores externos como aspectos socioeconômicos, ambientais, instrumentais ou pedagógicos. A deficiência intelectual é caracterizada por um QI (quociente de inteligência) abaixo de 70 nos testes psicométricos de inteligência, sendo que essa limitação está associada a vários aspectos do funcionamento adaptativo. Já as Dificuldades de Aprendizagem que possuem tanto fatores intrínsecos quanto extrínsecos, são muitas vezes caracterizadas como inespecíficas pelo fato não possuírem uma origem biológica, logo, necessitam de um olhar criterioso para a sua identificação.

Moraes (2001) aponta que é preocupante visualizar a crescente evasão e reprovação escolar no contexto da educação pública, além da crescente busca de crianças que buscam tratamento psicopedagógico pelas suas dificuldades de aprendizagem. O fator é mais preocupante nesta afirmação é a psicopatologização das dificuldades de aprendizagem que muitas vezes são tidas como transtornos, mas nem sempre o são. O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), por exemplo, é um transtorno com um número de diagnóstico altíssimo e, geralmente, vem acompanhado de uma intervenção medicamentosa. Por isso a investigação deve ser sempre aprofundada antes de fechar uma hipótese diagnóstica.

É importante observar durante a avaliação psicológica o ambiente que a criança está inserida, se ela é estimulada a estudar em casa, o estado emocional e acontecimentos recentes, se ela tem alguma disfunção neurológica, auditiva ou visual que possa interferir na aprendizagem, o relacionamento com os colegas de classe e professores, pois tudo isso pode influenciar a aprendizagem da criança, podendo dificultá-la.

Cada criança deve ser avaliada de forma criteriosa e individual para evitar possíveis erros de diagnóstico, por isso cada detalhe e variável é pertinente: um diagnóstico errado pode acarretar em uma série de problemas no futuro, principalmente

quando encaminha essa criança para uma intervenção medicamentosa com psiquiatra, pois alguns remédios possuem sérios efeitos colaterais e só devem ser consumidos na presença de uma psicopatologia de fato.

3.2 A importância da relação afetiva professor-aluno

Afetividade pode ser definida como um conjunto de múltiplas emoções e sentimentos, assim sendo, é algo subjetivo (PINTO, 2007 p 12). O afeto pode ser sentido com relação a si ou a outras pessoas, lembranças e até mesmo objetos.

Na sala de aula o aluno está inserido em um ambiente que o afeta, seja através da convivência com os colegas de classe e professores, seja pelas regras instituídas ou ainda pela experiência do aprender. O fato é que as emoções vão desempenhar uma função importantíssima na aprendizagem.

A afetividade na relação professor-aluno possui papel crucial na aprendizagem: por estar diretamente relacionado ao processo de ensino-aprendizagem, quanto melhor for essa relação, mais fácil se torna o ato de aprender. Não obstante, a relação do aluno com os colegas de classe também é de suma importância para que se tenha um ambiente adequado para o aprender, mas cabe nesse momento, discorrer um pouco mais sobre a relação professor-aluno. De acordo com Antunes (2007, p.12):

os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendiz.

Cabe acrescentar a essa afirmativa que o aprender é facilitado quando há um vínculo forte estabelecido na relação professor-aluno. Isso acontece, de acordo com Vygotski (2003), porque o conhecimento é mediado pelo outro, se constrói através da figura do professor, portanto, a afetividade é parte inseparável do processo ensino-aprendizagem.

A depender da qualidade da relação interpessoal entre o professor e o aluno, é possível notar um maior ou menor grau de motivação para aprender. Isso acontece porque a afetividade é um fator muito importante na aprendizagem e a motivação deve vir de dentro para fora: se o aluno tem algum conflito com o professor as chances de se sentir motivado são mínimas.

O professor deve estar sempre atento às emoções que aparecem na classe; o conteúdo ensinado é muito importante, mas os sentimentos diante dele são mais importantes ainda para a fixação ou não-fixação dessa nova descoberta que cada aluno tem diante do conhecimento. A esse respeito, Vigotski (2003, p.121) diz que a emoção é uma ferramenta para aprendizagem tão importante quanto o pensamento e cabe ao professor atentar-se para que o aluno não só pense e assimile uma disciplina, mas que também a sinta porque as reações emocionais são fundamentais ao processo de ensino-aprendizagem.

Seguindo o mesmo raciocínio, a revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia publicou que as emoções conferem um suporte básico, uma firmação afetiva essencial às funções cognitivas e executivas da aprendizagem da criança, responsáveis pelas formas de processamento de informação mais humanas, verbais e simbólicas (FONSECA, 2016 p 10).

Assim, é possível dizer que a afetividade é parte primordial para a aprendizagem. Dessa forma, uma relação afetiva do professor com o aluno estruturada negativamente pode ser um dos fatores que proporcionam a dificuldade de aprendizagem; logo, é possível ressaltar novamente a importância de uma investigação bem feita de tudo o que pode ocasionar essas dificuldades ao aluno.

Ainda sobre o assunto, um dos principais a versá-lo foi o psicólogo, filósofo e médico francês Henri Wallon (1879-1962). Wallon, apesar de não ignorar as funções motoras, denota a afetividade no cerne da composição do conhecimento, da aprendizagem e da subjetividade. Nos primeiros anos de vida de uma criança, é essa afetividade que sustenta as suas necessidades na fase adulta, fazendo dessa afetividade um recurso superior e mesmo dominante à cognição (SILVA, 2017, pg. 31). Acerca disso,

[...] poderíamos estabelecer que o afeto é uma transformação, à medida que, ao sermos afetados, o nosso organismo recebe os estímulos que são traduzidos em impulsos elétricos e conduzidos ao nosso cérebro. Este por sua vez, traduz tais estímulos em ações fisiológicas e dispara novos impulsos elétricos em forma de ordenamentos ao nosso sistema nervoso central que aciona partes específicas de nosso corpo, um reflexo, um *tic*, um suor a mais, um desconforto estomacal, gastrointestinal, paralisia momentânea, irritação desmedida, angústia, riso, choro, um ou mais sintomas perceptíveis concomitantes ou sequenciais (SILVA, 2017, pg. 31).

Ação e resposta atribuída à afetividade/ao afeto é um elo para desenvolver a cognição, para melhorar a aprendizagem e seu processo constitutivo, e para que esse elo

decorra é necessária a prática docente qualificada nessa base da afetividade walloniana, ou seja, ter afeto por algo ou alguém é um todo que se preocupa, que atende positivamente, percebendo as sensações internas e externas que guiam o sujeito e seus processos.

3.3 Formas de intervenção na práxis do psicólogo escolar diante à dificuldade de aprendizagem

As escolas contam com um grande número de crianças e adolescentes, além dos colaboradores que lá trabalham; trabalhar em uma instituição escolar exige habilidades específicas em lidar com grandes demandas, que podem variar de escola para escola. A práxis do psicólogo escolar requer muita organização, pois cada aluno possui a sua própria subjetividade e deve ser ouvido como tal: o que funciona para um não necessariamente irá funcionar para outro.

As funções que cabem ao psicólogo escolar é prestar o acolhimento e fazer uma triagem a fim de identificar as demandas que emergem para assim poder fazer os encaminhamentos necessários. Isto porque a grande quantidade de alunos a serem atendidos pode dificultar a terapêutica, mas é possível prestar atendimentos especificados e compreender as necessidades deles para fazer encaminhamentos que estejam de acordo com elas. Portanto o psicólogo trabalhará como um mediador das demandas desse aluno, sempre de forma acolhedora.

Assim sendo, o profissional deve estar incluso na escola em determinados horários para que possa acompanhar a rotina escolar e desempenhar o seu papel de acordo com as demandas, sendo a principal a dificuldade de aprendizagem, que surge como a mais comum e exige uma atenção diferenciada. Sobre os modos de intervenção, Galvão (2020) afirma que

a intervenção do psicólogo em instituições de ensino deve ocorrer de maneira preventiva; desta forma, o profissional precisa estar apto para intervir em situações suscetíveis ao acarretamento de problemas maiores. O psicólogo escolar deve prestar atendimento para alunos, pais, professores e demais funcionários. Sua função é promover o bem-estar social.

Desse modo, o foco não deve ser apenas a dificuldade de aprendizagem em si, mas a prevenção que deve ser pensada juntamente a toda comunidade escolar e com os pais

dos alunos, assim o rendimento tende a aumentar com maior qualidade da função ensino-aprendizagem. A prevenção faz com que diminuam os índices das dificuldades, acarretando em uma maior qualidade de vida e estudo e concomitantemente tem forte implicação da relação professor-aluno e no andamento da turma em geral.

Como citado anteriormente, é importante que durante a prática do psicólogo escolar seja feita uma investigação minuciosa sobre vários aspectos, pautada nos critérios diagnósticos e na realidade da comunidade escolar, além de levar em conta o estado emocional do aluno, o ambiente no qual ele está inserido, a sua relação com os professores e colegas, para assim evitar falsos diagnósticos e não focar em um modelo biomédico em que saúde é sinônimo de ausência de doença, mas compreender o ser humano de forma holística e biopsicossocial. Andaló (2021) faz considerações riquíssimas para a práxis do psicólogo escolar ao afirmar que

na medida em que os problemas são equacionados em termos de saúde x doença, fica o papel do psicólogo investido de um caráter onipotente, uma vez que seria o portador de soluções mágicas e prontas para as dificuldades enfrentadas. Por outro lado, acaba por estabelecer uma relação de assimetria, verticalidade e poder dentro da instituição, uma vez que lhe é atribuída a decisão e o julgamento a respeito da adequação ou inadequação das pessoas em geral. São as duas faces de uma mesma moeda de um lado o mágico, o salvador, e do outro, um elemento altamente persecutório e ameaçador. Essa dupla imagem que o psicólogo adquire ou transmite em função deste tipo de abordagem ou da sua própria postura, leva, com frequência, a uma atitude ambivalente e de resistência por parte da instituição escolar, que muitas vezes dificulta ou até impede a continuidade dos serviços de psicologia.

Essa visão da psicologia escolar deve ser desmistificada: o psicólogo não é o detentor do saber, assim como o aluno não é um problema a ser “consertado” pelo psicólogo. O professor posiciona o aluno dessa forma, deposita no aluno toda a responsabilidade do seu próprio fracasso, não querendo assumir que perdeu o controle ou que o seu conteúdo em sala de aula precisa ser adaptado. Por um lado, há, sim, as dificuldades de aprendizagem, conforme já foram descritas neste trabalho, mas, por outro lado, também foi dito sobre a importância da relação professor-aluno: se o vínculo for fraco e pautado em procurar culpados para as dificuldades, dificilmente haverá o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Ainda de acordo com Andaló (2021), a função mais assertiva do psicólogo escolar é o de agente de mudanças, de um possível conscientizador do seu papel enquanto inserido na instituição, promovendo reflexões e implicações que estão de acordo com esse enquadre. Não é somente um trabalho focado nos alunos, afinal a mudança precisa ocorrer a nível institucional, pois muitas vezes as crianças respondem a características dos

ambientes em que estão inseridas. Neste papel de agente de mudanças é possível redirecionar o foco do aluno-problema para as demandas que estão explícitas e também implícitas.

Os psicólogos escolares, ao atuarem sistematicamente e ao trabalharem em conjunto com os diferentes elementos do contexto escolar, precisam aprofundar seus conhecimentos teóricos e práticos sobre os métodos como os alunos com dificuldades de aprendizagem, seja ela qual for, em cada dia vêm transformando os instrumentos da cultura dispostos em seus ambientes escolares, espaços familiares, de lazer, sociais e etc, que abrangem formas icônicas para o seu próprio desenvolvimento.

O psicólogo deve sempre se lembrar do seu compromisso ético e social com a comunidade e pautar sua práxis nele, considerando as individualidades e demandas, tendo sempre em mente a subjetividade humana e evitando fazer julgamentos ou comparações que não o cabe, dando sempre o melhor de si e preservando o sigilo e os demais direitos dos alunos e dos pais.

O contexto escolar é marcado por variadas contradições, idiossincrasias e complexidades, que constituem uma base favorável à investigação e intervenção. A práxis do psicólogo escolar é desafiadora, mas também capaz de provocar mudanças amplas e promover a prevenção das dificuldades de aprendizagem, que surgem muitas vezes como consequências de fatores que não podem ser ignorados. Portanto, as queixas das dificuldades de aprendizagem por vezes carregam consigo demandas implícitas e para uma práxis eficaz, devem ser investigadas.

4. Considerações Finais

O tema das dificuldades de aprendizagem é muito amplo e não foi o propósito desse artigo esgotá-lo e sim buscar compreender o papel do psicólogo escolar diante desta crescente demanda. Foram apresentadas as diferenças das dificuldades escolares e dos transtornos de aprendizagem, objetivando-se focar nas dificuldades situacionais e não de ordem neurológicas.

Se as dificuldades de aprendizagem contam com fatores intrínsecos que dizem respeito ao estado emocional do aluno, ambiente escolar, condições socioeconômicas, relação professor-aluno e relação com os colegas em classe, critica-se a posição que muitos professores colocam de aluno-problema, como uma forma de culpabilizar o aluno, fechando os olhos para todos esses fatores. O vulgarizado fracasso escolar pode ser

causado por muitas condições que contribuem para dificuldades ou problemas no processo de escolarização e aprendizagem. Muitos alunos são encaminhados para tratamento em decorrência de uma visão unilateral da escola que não leva em consideração o entorno socioeconômico e cultural em que a criança vive e as situações relevantes no processo de ensino e aprendizagem como o reconhecimento de significado e importância para o objeto que está sendo aprendido por ela.

Assim, pode-se dizer que a práxis do psicólogo escolar diante das dificuldades de aprendizagem deve ser crítica e fugir dos rótulos psicopatologizantes: a investigação deve ser feita não ao nível de doença, mas na escola enquanto instituição, buscando compreender o que essa dificuldade significa e qual o papel da escola diante desta queixa, de que forma a escola tem contribuído para que a queixa da dificuldade se perpetue.

O psicólogo escolar é um agente de mudanças e, como tal, faz parte do seu exercício romper com os rótulos de aluno-problema, descristianizar verdades rígidas e atuar na prevenção da dificuldade de aprendizagem através de ações institucionais e organizacionais com os grupos de colaboradores da escola, observando as demandas enquanto instituição.

Referências

- ALMEIDA *et al.* **Concepções e práticas dos psicólogos escolares acerca das dificuldades de aprendizagem.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(2), 117-134, 1995.
- ANDALÓ, Carmem Silva de Arruda. **O papel do psicólogo escolar.** Publicado em 13 de out de 2012. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/G3tr4Kcqc8NSq3fCmnYBqYk/?lang=pt> > Acesso em: 24 de jun de 2021.
- ANDRADE, Alcilene Lopes de Amorim. Andrade, Jéssica Rodrigues Lima. A Dimensão Relacional do (Não)Aprender. – 1 ed – Curitiba: Appris, 2019.
- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima: sala de aula como um espaço de crescimento integral, faz.** 16. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.
- DA SILVA, Luis Gustavo Moreira; FERREIRA, Tarcísio José. O papel da escola e suas demandas sociais. **Projeção e docência**, v. 5, n. 2, p. 06-23, 2014.
- BEZERRA, Marília dos Santos. **Dificuldade de aprendizagem e subjetividade: para além das representações hegemônicas do aprender.** 2014. 157 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- FONSECA, VITOR. **A importância das emoções na aprendizagem. Uma abordagem neuropsicológica.** Disponível

em <<https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/505/importancia-dasemocoena-aprendizagem--uma-abordagem-neuropsicopedagogica>> Acesso em 24 de jun de 2021.

GALVÃO, Jessica de Alcântara. **A importância do psicólogo escolar na comunidade.** Brasília 2020. Disponível em < <https://www.integracion-academica.org/29-volumen-7numero-19-2019/225-a-importancia-do-psicologo-escolar-na-comunidade-escolar-umestudo-comparativo> > acesso dia 27 de out de 2020.

HAAG, Clara Rosani Jacobus. **A escola como espaço de socialização e sua contribuição n construção de autonomia moral.** 2010. Disponível em < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/35688>> acesso em 23 de ago de 2021.

MORAIS, Antônio Manuel Camploma. **Distúrbios da aprendizagem.** São Paulo: Edicon, 1997.

NUPI: Nucleo de pesquisa e inovação. Disponível em < <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/415/372>> Acesso em 30 de set de 2021.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. **A Dimensão Afetiva Do Sujeito Psicológico: Algumas definições e principais características.** Postado em 19 de jun de 2007. Disponível em <<https://revista.pgsskroton.com/index.php/educ/article/view/2131/2028>> Acesso em: 24 de jun de 2021.

SILVA, Ricardo Francelino. **As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem: contribuições da teoria de Henri Wallon.** Assis, 2017.

VELY Najjar Capdeville; NAYARA Santana Ferreira da Silva; OSVALDO Sônia dos Santos. **Por Uma Praxis Em Psicologia Escolar Humanista: Dialogando Com Paulo Freire. In: Anais Do Ii Congresso Internacional Paulo Freire: O Legado Global,** 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/papers/por-uma-praxis-empsicologia-escolar-humanista%3A-dialogando-com-paulo-freire>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.